



O Brasil precisa ser uma grande Barra Longa

Juliana Marques de Sousa¹
Jennipher Taytsohn²
Aline Priscila Craveiro Cardoso³

Resumo: Martins (2000) nos provoca a colocar aquilo que é liminar como referência de compreensão sociológica; amparado nisso, buscou-se, neste artigo, dar visibilidade à produção de existência daqueles que estão à margem para pensar alguns dos muitos adoecimentos crônicos da sociedade brasileira em paralelo à situação aguda que se impõe com a pandemia da Covid-19. Convidamos à interlocução sobre um Brasil que precisa ser resistente à gravidade do mundo, coletivamente atuante, largamente solidário e absolutamente crítico às “normalidades” do nosso tempo, que tem de ser, portanto, uma grande Barra Longa. O objetivo das reflexões aqui articuladas é ampliar as alternativas de amanhã mesmo diante do pessimismo mais tentador.

Palavras-Chave: Conflito socioambiental. Pandemia. Enfrentamento. Covid-19.

Brazil needs to be a big Barra Longa

Abstract: Martins (2000) provokes us to place what is liminal as a reference for sociological understanding. Based on that, we seek to give visibility to the production of the existence of those who are on the sidelines to think about the chronic diseases of Brazilian society in parallel to the acute situation imposed by the Covid-19 pandemic. We invite the discussion about a Brazil that needs to be resistant to the gravity of the world, that is collectively active,

¹ Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ e doutoranda em Ciências Sociais pela mesma instituição, com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Pesquisadora do Observatório Fluminense/UFRRJ e da Assessoria Técnica e Educacional Meio Ambiente e Barragens – ATEMAB. São Paulo, SP, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7651-1876>. E-mail: julianamarquesce@gmail.com.

² Mestranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Pesquisadora do Observatório Fluminense/UFRRJ e da Assessoria Técnica e Educacional Meio Ambiente e Barragens – ATEMAB. Teresópolis, RJ, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8571-4912>. E-mail: jenni_taytsohn@hotmail.com.

³ Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ e doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Pesquisadora do Observatório Fluminense/UFRRJ, da Assessoria Técnica e Educacional Meio Ambiente e Barragens – ATEMAB e do Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais – NEPAM. Campinas, SP, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3197-1507>. E-mail: alinecrcardoso@gmail.com.



more supportive and critical to the "normalities" of our time, therefore, has to be a big Barra Longa. The purpose of the reflections articulated here is to expand future alternatives even in the face of the most tempting pessimism.

Keywords: Socio-environmental conflict. Pandemic. Coping. Covid-19.

1. Introdução

*O Brazil não merece o Brasil
O Brazil tá matando o Brasil (...)
Do Brasil, SOS ao Brasil
Do Brasil, SOS ao Brasil.
(Maurício Tapajós e Aldir Blanc)*

Pensar o tempo pandêmico é, sobretudo, pensar em amanhães menos doídos. Advogamos um socorro “do Brasil ao Brasil”, isto é, pensar as experiências de luta e enfrentamento por nada além do justo para as mulheres e homens simples (MARTINS, 2000), para os trabalhadores, camponeses, atingidos⁴ e/ou desagregados aqui. Acionar a dimensão dos agravamentos sociais é preciso, mas também é urgente mobilizar o horizonte de enfrentamentos.

Toda pesquisa/pesquisadora é afetada (FAVRET-SAADA, 2005) e, desde logo, adverte-se que Barra Longa, aqui, não é uma escolha analítica aleatória, mas o tratamento de uma experiência, enquanto pesquisadoras, na elaboração da matriz de danos dos atingidos, desenvolvida por meio da Assessoria Técnica e Educacional Meio Ambiente e Barragens (ATEMAB)⁵. Por isso, as perdas, os danos e as dores desses atingidos passaram por nós demoradamente, muito além dos minutos televisivos divulgados na ocasião do crime.

Possivelmente você não conhece Barra Longa, não sabe que nenhum ônibus de linha segue para lá, provavelmente nunca viu suas ladeiras, rios e vales, tampouco conhece os traços dos “homens simples” de lá. Mas é bem capaz que tenha ouvido os gritos por justiça que ecoaram desse lugar interiorano, vozes de uma comunidade atravessada por um crime. Era 5 de novembro de 2015 e a barragem de Fundão operada pela Samarco Mineração S.A.⁶ rompeu, e se abriu uma enxurrada de milhões de metros cúbicos de rejeitos de mineração; era lama tóxica modificando, interrompendo, atingindo toda a produção das existências de uma comunidade (ATEMAB, 2019).

O rompimento da barragem de Fundão é uma página aberta ainda

⁴ Define sujeitos que são possuidores de direitos a serem restituídos, mitigados, reparados, indenizados e compensados a partir da violação aos seus direitos fundamentais por algum agente ou empreendimento econômico. O conceito de atingido pretende dar conta de uma determinação identitária, bem como de sujeitos possuidores de direitos, mobilizados em direção a tal ação (VAINER, 2008).

⁵ Grupo de Assessoria Técnica e de Pesquisa vinculado à Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e coordenado pela professora Flávia Braga Vieira.

⁶ Cujos principais acionistas são Vale S.A. e BHP Billiton Brasil Ltda.



hoje e, por isso, não queremos falar de superação, para não correr o risco de produzir futuros sem presente; acionamos aqui a dimensão do enfrentamento diante do caos, e enfrentar é sempre uma conjugação do presente. O futuro não é uma doação para os que vivem no agora, é uma construção, depende da ação, seja esta de capacidade micro ou macro. A costura de uma sociabilidade centrada na discussão detalhada, local, aberta e dialógica foi um dos caminhos adotados para tratar o que doía nos barra-longuenses, por meio de organização comunitária, grupos de base e comissões de atingidos.

Barra Longa não é apenas o retrato de um crime contra a vida, mas a evidência de como a organização coletiva de uma comunidade pode salvar da desesperança mais violenta e produzir uma sociabilidade outra. Os barra-longuenses carregam em sua história uma condição particular, a construção de um enfrentamento coletivo daquilo que os adoeceu socialmente, um crime socioambiental sem precedentes na história.

A reparação integral de uma condição pós-crime é o horizonte justo, porque nela cabe a produção de amanhã para aqueles que tiveram suas vidas violadas, e isso impõe pensar que o enfrentamento do que nos aflige individualmente depende da recomposição total das condições de vida, ou seja, daquilo que nos faz sociedade, comunidade. A solidez de superar aquilo que nos adoece é estabelecer um novo princípio político e social no qual o individual seja indissociável do coletivo.

A pandemia, no Brasil, nos exige pensar na existência humana como produção coletiva. É costurando as urgências individuais em práticas de lutas sociais amplas e comuns que se dão as “(...) conquistas fundamentais do gênero humano, [capazes de] libertar o homem das múltiplas misérias que o fazem pobre de tudo” (MARTINS, 2000, p. 11).

Pensar a vida enquanto categoria analítica significa ultrapassar o debate acerca da reprodução material do *homo economicus* (BOURDIEU, 2000). Representa pensar o intangível, abarcada por sentimentos dos mais diversos gêneros, como dores, alegrias, satisfações, tristezas etc. Sendo assim, é pertinente pensar as emoções como elementos mais sociais do que necessariamente imbricados com um universo particular remetido às individualidades e interioridades (FAVRET-SAADA, 2005).

É preciso “descolonizar” o pensamento, a fim de compreender as relações sociais assimétricas, que traduzem suas ideias de mundo, experiências e traumas coletivos enquanto universo inerente a uma condição particular, com sociabilidades e redes simbólicas (VIVEIROS DE CASTRO, 2002). Esses traumas coletivos são tangidos por violações de códigos, relações e afetos na vida social. Essa dor, não necessariamente física, é constantemente narrada após eventos traumáticos que desafiam a vida dos sujeitos.

A dor é uma forma de relação com o mundo, não é uma invariante inevitável, mas “(...) pode se exprimir, ou ao contrário, se recalcar, se expulsar ou se agitar, se negar ou arrastar outrem para ela” (FARGE, 2011, p. 13). Em



um momento em que o Brasil e o mundo atravessam uma pandemia de tais proporções, algumas questões aparecem como evidentes: De que forma se enfrenta as dores coletivas em isolamento? Como a questão sanitária se impõe diante desse contexto?

Se os modos de vida são expressões essenciais para se pensar esse conceito abstrato, nesse sentido, em um momento de distanciamento social que objetiva frear o contágio do vírus, a dimensão social pede por uma análise profunda e ampla. Mais do que compreender as possibilidades de driblar as ausências oriundas do distanciamento físico, cabe refletir de que forma as perdas e as dores coletivas decorrentes de processos traumáticos e estruturantes não são novidades no Brasil. Ocorre que, neste momento, as dores coletivas ganham dimensões mais generalizadas.

A estrutura social cotidianamente atua selecionando os sujeitos cujo direito é viver e outros, cujo destino é estar ao deus-dará. Antes, as mortes (fim de mundos individuais) podiam ser analisadas a partir das cisões existentes nas sociedades devido às distinções de classe, raça, gênero e sexualidade. Hoje, com a Covid-19, parece atingir camadas que a população brasileira não se encontra entusiasmada em perder.

2. Narrativa do fim do mundo

Os atingidos pela barragem na região narram, constantemente, que a chegada da lama remonta a uma experiência apocalíptica de perdas intangíveis. E, do mesmo modo, a chegada do coronavírus, como agente externo e dificilmente controlável, colocou a sociedade brasileira a lidar com questões que Barra Longa teve que encarar de maneira brusca e repentina.

Quando uma barragem se rompe, apagam-se os rios, o solo, os bichos, as casas, os seres humanos, o modo de vida; ali está o fim de um mundo. O que é perder o mundo? Quais mundos foram perdidos e tiveram que seguir o percurso da vida? Quais fatores determinam a reconstrução ou a (re)consolidação de histórias? O caso barra-longuense ajuda a decodificar mecanismos para que esses “mundos abstratos” possam seguir e se reconfigurar: caso necessário, para os que ficaram.

O mundo barra-longuense mudou, os atingidos foram obrigados a reorganizarem suas vidas sobre a lama. Essas dores interiores que são imbricadas nas vidas dos sujeitos afetados também podem ser responsáveis por movê-los diante da situação de crise. A dor aparece de maneira ambígua, que flutua entre sacrifício, lutas e conquistas, alimentada por uma temporalidade de narrativas capazes de construir a identidade coletiva de Barra Longa (GUEDES, 2015; WEITZMAN, 2015).

José Pascual, um senhor de 76 anos, morador de Paracatu de Baixo, subdistrito de Mariana, utilizou a “narrativa do fim do mundo” para



representar o que viveu no momento em que viu a lama chegar e soterrar toda sua vizinhança (PASCUAL, 2016 *apud* AFP, 2016)⁷. Seu José relata que mesmo com o projeto de reassentamento em discussão, isto é, a construção de uma nova vizinhança, jamais as memórias vividas por ele, naquele local junto à comunidade, serão reconstituídas como as anteriores ao rompimento.

A dor do rompimento promoveu devastações não antes imaginadas e foi socorrida pelo luto coletivo. Todos foram parcialmente responsáveis por reconfortar e viabilizar a continuidade possível das vidas que ficaram. Porque a dor é um motor de duros processos de imobilidade, da vivência do luto, mas também pode ser de muita mobilidade impulsionada pela indignação, pelo senso de justiça, mágoa, raiva, tristezas etc.

Falar da enxurrada de rejeitos de minério que atingiu o Rio Doce não é necessariamente falar sobre “coisas”, aquilo que é tangível. Falar de Barra Longa é falar daquilo que o Brasil, de maneira mais ampla, vem perdendo. Percebam! Não é possível ser o que foi, porque mundos acabam. A pergunta é: como é possível ser, e como fazer para produzir uma “existência outra”, incompatível com tudo e todos que violam a vida? É preciso consolidar novas e potentes redes de solidariedade e construir um processo de cicatrização dos sofrimentos coletivos.

3. A vida ao avesso

O discurso de defesa da vida se alargou ao avesso de tal forma, que mesmo os que provocam a morte usam essa retórica desavergonhadamente. João Pedro, 14 anos, executado dentro de casa, no quinquagésimo sétimo dia de quarentena, quando em curso uma “operação policial” do estado do Rio de Janeiro, avista um projeto de nação que mata seu próprio corpo. Não bastou a *hashtag* de ficar casa; não bastou estar em casa. João Pedro morre pela ação do Estado.

E o que isso tem em comum com a pandemia que se impõe no Brasil e com os barra-longuenses atingidos? A execução de João, os milhares de mortos pelo coronavírus e a lama tóxica que arrasou Barra Longa conjugam uma narrativa de admissão da morte nos termos de Mbembe (2016) – a necropolítica, transvestida de práticas e discurso de vida, riqueza, leveza, desenvolvimento e progresso.

Não é novidade que o Estado opera produzindo a morte, seja como uma política declarada de “atirar na cabecinha” de negros e pobres, seja pela convivência estatal com lógicas empresariais predatórias que anotam em suas planilhas um alto risco de matar; e, se não for suficiente o aparato armado estatal, o lucro acima da vida, vale ainda um recurso aos moldes de Euclides da Cunha (2002): seleção natural, isto é, deixar morrer os “fracos”,

⁷ Relato publicado no site *Isto É* (2016).



os “caquéticos”, “a caqueirada social”⁸.

O coronavírus é uma pandemia, mas no Brasil é, também, a narrativa de um crime persistente. O “e daí”, a “gripezinha”, “nosso povo não pega nada” e “não sou coveiro” não são apenas conteúdo do campo da linguagem do presidente do Brasil (NÃO SOU COVEIRO..., 2020; CHAIB; CARVALHO, 2020), mas também a adoção de uma política de morte crônica, estrutural e implacavelmente cruel.

Deveria ser suficiente dizer que o direito à vida não é uma escolha polarizada com a economia, mas uma condição inalienável para toda e qualquer sociedade. A ruptura da barragem de Fundão impôs aos barra-longuenses a construção dessa tão falada “outra normalidade”, que não podia ser o que fora por causa da lama, das perdas materiais e imateriais. Enquanto isso, outros tantos Brasis seguiam suas rotinas, com algumas doses de comoção e empatia diante da lógica de morte tão acomodada com a “democracia” de notas de repúdio, é claro. Quando crimes dessas proporções acontecem, é preciso mais do que horas de comoção, mas uma reorganização intensa do horizonte político e econômico de sociedade que admitimos. Hoje, mais uma vez nós, brasileiros, devemos repensar qual o limite do que se aceita quando se trata da vida dos nossos.

4. Lições para enfrentar uma pandemia

Pra nós, como atingidos, pra nós, militantes, que somos atuantes mesmo na luta ao longo desses cinco anos, esse ano tem sido muito difícil, porque essa crise, essa pandemia tem nos impedido de fazer a luta. Enquanto nós estamos recolhidos dentro de casa, cuidando dos nossos, nos protegendo, os maus têm agido poderosamente. A cada dia, mais eu tenho certeza, infelizmente, que a justiça não é cega, a justiça é paga, e a gente tem visto ela atuar fortemente contra a luta coletiva (A SIRENE, 18 Mai. 2020).

Em momentos de crise – socioambientais e sanitárias – se aprofundam as contradições sociais. As relações comunitárias em Barra Longa, neste momento de pandemia, não estavam intactas como antes daquele novembro de 2015. A lama deixou como rastro, além das dores já citadas, o aprofundamento da pobreza; trabalhadores se viram empurrados à vulnerabilidade social e econômica, com a perda da possibilidade do trabalho, com a perda do rio e da terra como fonte de produção da vida.

Lidar com essas fragilidades é contrair uma perspectiva excludente. Por isso, há de se pensar, e insistir no óbvio (RIBEIRO, 2019), na saúde gratuita e de acesso universal, que garanta o amparo daqueles que vêm adoecendo por respirarem poeira repleta de metais pesados ou por aqueles acometidos pela

⁸ Os termos descritos aqui são usados por Cunha para se referir aos sertanejos na obra *Os Sertões*.



Covid-19. Há de se pensar em uma educação pública de qualidade, que permita mobilidade social, mas, sobretudo, que seja também capaz de desafiar o *status quo* e as múltiplas lógicas de privilégios (PERRUSO, 2020). Há de se pensar no amparo daqueles que mais precisam, dos trabalhadores com e sem trabalho. A estes, uma medida emergencial: garantia plena de direitos sociais.

Em tempos de adoecimento global, instabilidade política, desaceleração econômica, isolamento social e dificuldade em projetar futuros, reforça-se o discurso de um “novo normal”. Os crimes ocorridos em Barra Longa/Mariana e Brumadinho fazem parte da normalidade do Brasil antes da Covid-19. É essa “normalidade” que se busca recuperar após a pandemia? Nunca existiu, efetivamente, uma “normalidade” no Brasil, para além das sensações mais simplórias. Há sempre dores não cicatrizadas e constantemente violadas, por isso, é urgente construir os moldes para uma normalidade outra, contrariante ao racismo institucionalizado, à mercantilização da vida e tantas outras desigualdades estruturantes do Brasil.

O “seguir em frente” de Barra Longa não significa tratar com naturalidade as dores e as marcas advindas da crise do novo coronavírus no Brasil. Barra Longa nos ensina que o enfrentamento das adversidades impostas por condições externas requer unidade e solidariedade entre aqueles que vivenciam a mesma dor e outros tantos que possam somar no processo de cura. As aflições podem atingir individualmente, e com diferentes proporcionalidades, o sujeito brasileiro, mas é o enfrentamento coletivo daquilo que o adoce que potencialmente é capaz de fazer sarar as dores mais doídas.

A saída só será inclusiva por meio de uma alternativa coletiva, de organização social e de construção de demandas. Ainda assim, sabe-se que as lutas cotidianas contra realidades perversas impostas não se esgotam em um curto espaço de tempo. Passados quatro anos e meio após o rompimento da barragem de Fundão, a maior parte dos atingidos da cidade de Barra Longa lida com uma dimensão irreparável do crime, mas segue lutando por justiça. A organização popular se mantém disputando outros caminhos, justo e possíveis; diante disso, não há respostas superficiais e fáceis. Um futuro sem a violação da vida talvez só seja palpável integralmente para as próximas gerações, mas é preciso compreender que não há futuro sem a construção do presente.

Barra Longa nos ensina que não há alternativas de superação da devastação que não passe pela necessidade da organização, empatia, solidariedade: da luta. É urgente: “(...) solidarizar-se com os sofrimentos e lutas alheios (...)”, isso “(...) é parte da própria construção da consciência de classe. Fazer pelo outro é construir a si mesmo como sujeito histórico” (VIEIRA; GHIBAUDI, 2020, p. 285), para com isso agregar força para alterar realidades corrosivas da vida, da dignidade e da existência. O Brasil não poderá fugir das afetações decorrentes da pandemia e outras tantas doenças sociais crônicas;



cabará, portanto, reconstruir rumos e, para tanto, advogamos que o Brasil seja uma grande Barra Longa, inegavelmente doída, porém viva, resistente e capaz de disputar seus amanhãs.

Referências bibliográficas

ASSESSORIA TÉCNICA E EDUCACIONAL MEIO AMBIENTE E BARRAGENS. **Projeto de Assessoria para Elaboração e Validação de Matriz de Danos junto aos Atingidos pela Barragem de Fundão** (Barra Longa/MG). Rio de Janeiro, 2019.

BOURDIEU, Pierre. **Poder simbólico**. Portugal/Brasil: Difel/Bertrand, 2000.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Nova Cultura, 2002.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. Tradução de Paula de Siqueira Lopes. *In: Cadernos de Campo*, n.13, p. 155-161, 2005.

CHAIB, Julia; CARVALHO, Daniel. 'E daí? Lamento, quer que eu faça o quê?', diz Bolsonaro sobre recorde de mortos por coronavírus. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 28 abr. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/04/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-recorde-de-mortos-por-coronavirus.shtml>. Acesso em: 19 ago. 2020.

Cartas da Quarentena. **Jornal a Sirene**, Mariana, 2020. Disponível em: <http://jornalasirene.com.br/cotidiano/2020/05/18/cartas-da-quarentena>. Acesso em: 19 ago. 2020.

FARGE, Arlete. **Lugares para a História**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

GUEDES, André Dumans. Andaça, agitação, luta, autonomia, evolução: sentidos do movimento e da mobilidade. *In: Revista do Centro de Estudos Rurais (RURIS)*, v. 9, n. 1, 10 out. 2015.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples**: cotidiano e história na modernidade anômala. São Paulo: Hucitec, 2000.

MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. **Arte & Ensaios**. Revista PPGAV/EBA/UFRJ, n. 32, dez. 2016.

"NÃO SOU COVEIRO", diz Bolsonaro ao ser questionado por mortes por



COVID-19. **CNN Brasil**, São Paulo, 20 abr. 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2020/04/20/nao-sou-coveiro-diz-bolsonaro-ao-ser-questionado-por-mortes-por-covid-19>. Acesso em: 19 ago. 2020.

PERRUSO, Marco Antônio. As Ciências Sociais, a conjuntura brasileira, e a pandemia. *In: Ciclo de Debates do Observatório Fluminense da UFRRJ*. Palestrantes/Palestras 17 jun. 2020.

RIBEIRO, Darcy. **Sobre o óbvio**. Marília: Lutas Anticapital, 2019.

AFP. Parecia 'o fim do mundo', conta sobrevivente da tragédia de Mariana. **Isto É**, São Paulo, 13 nov. 2016. Disponível em: <https://istoe.com.br/parecia-o-fim-do-mundo-conta-sobrevivente-da-tragedia-de-mariana/>. Acesso em: 19 ago. 2020.

QUERELAS DO BRASIL. Faixa Musical. Autoria: Aldir Blanc e Maurício Tapajós. Intérprete: Elis Regina. Álbum: Transversal do Tempo. Gravadora: Universal Music, 1978.

VAINER, Carlos Bernardo. Conceito de "atingido": Uma revisão do debate. *In: ROTHMAN, Franklin Daniel. Vidas Alagadas – Conflitos Socioambientais, Licenciamento e Barragens*. Viçosa: Ed. UFV, 2008. p. 39 – 63.

VIEIRA, Flávia Braga; GHIBAUDI, Javier Walter. Solidariedade como instrumento da luta política: reflexões a partir das resistências populares na Argentina e no Brasil em tempos de pandemia. *In: ALMICO, R.; GOODWIN JR, J.; SARAIVA, L. F (orgs.). Na saúde e na doença: história, crises e epidemias. Reflexões da história econômica na época da Covid-19*. São Paulo: Hucitec, 2020.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O nativo relativo. **Revista Mana**, v. 8, n. 1, p.113-148, 2002.

WEITZMAN, Rodica. Mineiros no Morro dos Prazeres: trajetórias marcadas pelo fluxo entre a roça e a cidade. *In: COMERFORD, J.; CARNEIRO, A.; DAINESE, G. (orgs.). Giros etnográficos em Minas Gerais: casa, comida, prosa, festa, política, briga e o diabo*. Rio de Janeiro: FAPERJ/7 letras, 2015.

Como citar este artigo:

SOUSA, Juliana Marques de; TAYTSOHN, Jennipher; CARDOSO, Aline Priscila Craveiro. O Brasil precisa ser uma grande Barra Longa. **Áskesis**, São Carlos,



SP, v.9, n. Ed. Especial, p. 118-127, dez. 2020.

ISSN: 2238-3069

DOI: <https://doi.org/10.46269/9ee20.522>

Data de submissão do artigo: 19/06/2020

Data da decisão editorial: 17/08/2020